

DAS QUADRAS AOS BARES: LAZER DE MULHERES LÉSBICAS EM UMA EQUIPE LGBTQIAPN+

FROM COURTS TO BARS: LEISURE OF LESBIAN WOMEN IN AN LGBTQIAPN+ TEAM

RESUMO

O lazer enquanto uma dimensão social e cultural, e organizador da vida cotidiana, vem sendo amplamente debatido no campo da educação física. Podemos compreender esse fenômeno a partir de várias abordagens, seja enquanto direito constitucional, ocupação do tempo livre, descanso, desenvolvimento social, entre outras perspectivas que vêm sendo alvo de discussões. Ao olharmos para o lazer a partir de uma perspectiva de direito constitucional, notamos que grupos historicamente excluídos não têm acessos a este direito de forma equitativa. Pesquisas que discutem o lazer a partir dos marcadores das diferenças parecem ser escassas, estudos recentes vem demonstrando a necessidade de trabalhos que dialogam com a comunidade LGBTQIAPN+, em especial com as mulheres lésbicas. Partindo desta lacuna, este artigo investiga como gênero e sexualidade compõem os lazeres de mulheres lésbicas em uma equipe de handebol LGBTQIAPN+. A pesquisa parte de preceitos etnográficos, onde a primeira autora acompanhou e participou de treinos, jogos, torneios e momentos de convivência em bares da equipe das Gaúchas, de Porto Alegre/RS, contando ainda com a realização de diários de campo, questionário e entrevistas semiestruturadas. A partir de estudos de gênero e sexualidade, a análise deste trabalho está apoiada nas experiências vivenciadas no trabalho de campo, dando protagonismos às cenas, nas quadras e bares, as falas e diálogos em situações que as mulheres lésbicas da equipe participavam. Este conjunto de processos nos indica como gênero e sexualidade atravessam e produzem elementos do/ no cotidiano dos lazeres dessas mulheres lésbicas, sendo assim, a partir de uma noção de política ontológica proposta por Annemarie Mol, que entende as realidades como múltiplas e performadas, gênero e sexualidade são analisados como elementos organizadores dos lazeres e da cultura da equipe.

Palavras-chave: Lésbicas. Gênero e Sexualidade. Lazer. Etnografia.

Bruna Tassiane dos Santos Pontes

Mestranda em Ciências do Movimento Humano. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Porto Alegre/RS, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-0698-8905>. E-mail: bruna.tassiane@outlook.com

Carolina Caneva da Silva

Doutoranda em Ciências do Movimento Humano. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Porto Alegre/RS, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9224-4584>. E-mail: carolcaneva@gmail.com

Raquel da Silveira

Doutora em Ciências do Movimento Humano. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Porto Alegre/RS, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8632-0731>. E-mail: raqufrgs@gmail.com

ABSTRACT

Leisure as a social and cultural dimension, and as an organizer of everyday life, has been widely debated in the field of physical education. We can understand this phenomenon from various approaches, whether as a constitutional right, occupation of free time, rest, social development, among other perspectives that have been the subject of discussion. When we look at leisure from a constitutional rights perspective, we notice that historically excluded groups do not have equitable access to this right. Research that discusses leisure from the perspective of markers of difference seems to be scarce, and recent studies have demonstrated the need for works that engage with the LGBTQIAPN+ community, especially with lesbian women. Based on this gap, this article investigates how gender and sexuality shape the leisure practices of lesbian women in an LGBTQIAPN+ handball team. The research is grounded in ethnographic principles, in which the first author followed and participated in training sessions, games, tournaments, and social moments in bars with the Gaúchas team from Porto Alegre/RS, also involving field diaries, a questionnaire, and semi-structured interviews. Drawing from gender and sexuality studies, the analysis of this work is supported by the experiences lived during fieldwork, giving prominence to scenes on the court and in bars, to the voices and dialogues in situations in which the lesbian women of the team participated. This set of processes indicates how gender and sexuality traverse and produce elements in/of the everyday leisure of these lesbian women. Thus, drawing on the notion of ontological politics proposed by Annemarie Mol, which understands realities as multiple and performed, gender and sexuality are analyzed as organizing elements of the leisure practices and culture of the team.

Keywords: Lesbians. Gender and Sexuality. Leisure. Ethnography.

Introdução

Lazer para quem? Quem tem direito ao lazer esportivo? Quais corpos ocupam esses espaços e quais são empurrados para fora? Segundo a Constituição Federal (1988), todas as cidadãs¹ tem direito ao lazer, mas em um cenário esportivo atravessado por questões de gênero e sexualidade excludentes, será possível que mulheres lésbicas tenham acessos a espaços esportivos de forma equitativa? No Brasil, país que tem o futebol como prática esportiva dominante, as representações hegemônicas de masculinização vem sendo atribuídas a mulheres que se vinculam a determinados esportes ditos masculinos, uma vez que não estar dentro da norma tem um preço, é ter sua sexualidade colocada sob suspeita. Raquel da Silveira e Marco Paulo Stigger (2013), a partir de um estudo etnográfico (2006-2007) realizado com uma equipe de futsal de mulheres, observam o preconceito das jogadoras em relação à expressão de gênero. Naquela equipe, mulheres lésbicas eram aceitas, desde que não tivessem

¹ Por um posicionamento político-acadêmico esse trabalho será escrito no gênero gramatical feminino, essa escolha não impede que demais pessoas sintam-se contempladas. Neste mesmo sentido, opta-se por referenciar as autoras mulheres, na primeira vez em que forem citadas com seus primeiros nomes, para podermos identificá-las e dar visibilidade às mulheres no universo da ciência.

trejeitos atribuídos ao masculino, com a justificativa de que a “masculinização” traria rotulações negativas à equipe e ao esporte como um todo. Essa problematização acerca do futebol/futsal praticado por mulheres vem sendo analisada por Silvana Goellner (2005), onde a autora discute a associação entre o esporte e a masculinização das mulheres através de décadas, e como essa relação encontrou subterfúgios em leis e decretos, além de discursos essencialistas de gênero, onde o sexo determina características correspondentes ao gênero.

É justamente nesse contexto de desigualdades, mas, também de muitas resistências e lutas, que pensar os lazeres esportivos das mulheres lésbicas se faz necessário, rompendo as narrativas dominantes dentro e fora das quadras, uma vez que a literatura acerca de mulheres lésbicas vem sendo deixada às margens das produções acadêmicas. Em uma revisão narrativa em periódicos da educação física Maria Polo, José Olivar e Yara de Carvalho (2024), encontraram somente quatro (4) artigos para os termos de busca “Lésbica”; “Lésbicas”; “Lesbianidade/s”; “Lesbofobia/s”; “Sapatão” e “Lesbianismo”. Esse coletivo de autores nos instiga a refletir a quem serve esse número irrisório de produções? De quais mulheres lésbicas estão falando? Desta forma, enquanto parte deste “cistema”² acadêmico de produção de conhecimento, compreendemos a importância de problematizar nosso próprio lugar e responsabilidades. Então se às mulheres lésbicas, no contexto acadêmico, foi reservado o “armário”, o apagamento, que Tânia Swain (2000), provoca no nome do capítulo de seu livro “O que a História não diz não existiu...”. Trazendo a partir de fatos históricos como as mulheres lésbicas foram apagadas sistematicamente de produções através de uma “política de esquecimento” (p.15). Isso significa, apaga-se costumes, ou destrói-se o que não é legítimo, de interesse moral, ou costumes compatíveis com os valores dominantes em determinada época. Desta forma, por exemplo, podemos considerar as histórias de mulheres lésbicas, da qual essas trajetórias, afetos, experiências, vem sendo deslegitimadas e silenciadas. Portanto, nos cabe “abrir as portas do armário”, ampliando o debate e viabilizando que essas narrativas sejam conhecidas por mais pessoas, a partir de uma produção sensível e ética.

A partir deste debate e inspiradas pela proposta de política ontológica de Annemarie Mol (2008), entendemos que as práticas sociais não apenas refletem uma realidade, mas a *fazem*. Assim, gênero e sexualidade não são categorias fixas, mas são continuamente performadas e reconfiguradas nas relações cotidianas, inclusive nos espaços de lazer esportivo. É nesse sentido que nos aproximamos da experiência de mulheres lésbicas pertencentes a equipe das Gaúchas³, de Handebol, situada em Porto Alegre/RS, onde os lazeres vividos pelas mulheres lésbicas não apenas expressam identidades dissidentes, mas constroem afetos e relações no cotidiano. Desta forma o objetivo deste artigo é compreender como gênero e sexualidade compõem os lazeres de mulheres lésbicas em uma equipe de handebol LGBTQIAPN+.

² Cistema compreende um jogo de palavras e utilização do prefixo “cis” em palavras cujos contextos não incorporam vivências, experiências e existências de pessoas que não são cisgêneras. Viviane Vergueiro, pesquisadora transfeminista. disponível no site: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/19685>.

³ Por questões de ética, o nome da equipe é um pseudônimo.

O que é ser lésbica(s)?!

Falo também deste lugar, enquanto mulher, lésbica e negra, ou seja, essa pesquisa também é atravessada pelas minhas experiências. A partir disto, lésbica nesse contexto ocidental, cisheteronormativo e capitalista, não é tarefa fácil. Há inúmeras violências que atravessam as nossas vidas, como estupro corretivo, violência de gênero, lesbofobia, machismo, entre tantas outras, fazendo o ser lésbica ultrapassar a habitual conceitualização de ser uma atração afetivo-sexual por outras mulheres. De acordo com Guacira Louro (2018) em nossa sociedade a norma que se estabelece é o homem branco, heterossexual, cisgênero, religioso, classe média, sem deficiência, este é dado como referência a qual não precisa ser nomeada. Já as/os “outras/os” serão nomeadas/os e se denominaram a partir dessa referência. “Desta forma, a mulher é representada como «o segundo sexo» e gays e lésbicas são descritos como desviantes da norma heterossexual” (Guacira Louro, 2018, p. 12). Dessa forma, identidades que surgem, como lésbicas, gays, *queers*, bissexuais, transexuais, desestabilizam a norma, colocando em evidência a fluidez das sexualidades, tencionando a noção de origem fixa e essencialista da sexualidade.

Uma série de autoras vão dialogar e propor pensamentos sobre o que significa ser lésbica, mas de maneira teórica, não estamos interessadas nas afirmações e formas de categorizar lésbicas, mas nas reflexões e problematizações que essas autoras(es) nos oferecem. Sendo assim, duas autoras são importantes para o movimento de pensar as lesbianidades, sendo elas Monique Wittig (2022) e Adrienne Rich (2012), que vão tencionar que ser lésbica também se consolida como uma posição política de ser e estar no mundo. Wittig (2022) bebe da fonte de Rousseau, para correlacionar sua teoria com o contrato social. Para ela, a heterossexualidade é o próprio contrato social que aprisiona as mulheres, uma vez que este institui a dualidade “mulher” e “homem”. Em um de seus escritos Wittig (2022) aponta que “Lésbicas não são mulheres” (p. 52). A compreensão desta frase por vezes é equivocada, a autora não está negando a biologia dos corpos, mas é uma negação política, visto que mulher só teria sentido no sistema heterossexual e nos sistemas econômicos heterossexuais, uma vez que o contrato social está apoiado numa vertente heteronormativa que mulher só existe na dicotomia com o homem, a mulher é o outro, o resto. Desta forma, para a autora ser lésbica seria romper com essa lógica, é a negação dessa política heterossexual e a possibilidade de uma forma diferente de se viver, logo, lésbicas escapariam a essa matriz heterossexual e, portanto, não seriam mulheres. Já Rich (2012) teoriza que todas as mulheres deveriam se organizar em volta do que ela denomina “*continuum lésbico*” (p. 35). Esse pensamento pretende teorizar que a união das mulheres favorece o rompimento com o patriarcado, uma vez que desde a infância as mulheres estão expostas às mídias que tornam possível a heterossexualidade compulsória.

Dando continuidade à discussão, as noções de gênero e sexualidade são entendidas como dimensões interligadas, e não situadas em oposição, como social e biológico, e serviram de suporte analítico neste estudo para compreender como as

mulheres lésbicas vivenciam o seu lazer em uma equipe LGBTQIAPN+. Deste modo nos aproximamos de uma noção de gênero que nos permite tencioná-la enquanto categoria não binária e fixa, sendo assim, gênero não está dado *a priori*, ou é algo pré-determinado, mas emerge dos processos sociais e culturais (Louro, 2008). Joan Scott (1995), compreende que gênero está na dimensão do poder, que é uma percepção sobre as diferenças sexuais. Nesse sentido, a autora diz que gênero não apenas produz e se inscreve nos corpos, mas também é organizador social da diferença sexual. A materialidade dos corpos não é negada, mas compreendida como resultado do que conhecemos sobre os corpos, e conhecimento é discurso, ou seja, gênero é compreendido como uma prática discursiva. Então, gênero produz o sexo, ou melhor, o discurso do gênero produziu as diferenças atribuídas aos corpos. Linda Nicholson (2000) e Judith Butler (2003) vão se inserindo nesta discussão, tomando sexo como produto do gênero. Butler (2003) compreende que gênero está na dimensão da performance através de reiteradas práticas culturais, roupas, jeitos, cabelos, profissões, então o gênero vai atribuindo significados e limites aos corpos, ditando o que é “feminino” e “masculino”. Nicholson (2000, p. 9) diz que: “a sociedade [e a cultura] forma não só a personalidade e o comportamento, mas também as maneiras como o corpo [e, portanto, também o sexo] aparece”. Apesar das diferenças conceituais, essas autoras convergem para a crítica biologicista ao corpo, considerando este produto do gênero.

Avançando nas conceituações, segundo Rich (2012) a sexualidade não é restrita a preferências e práticas sexuais, mas um posicionamento político, que emerge da sociedade heterossexual, em que as mulheres são submetidas a esse sistema a partir da heterossexualidade compulsória. Onde desde a infância mulheres são expostas a esse regime de sexualidade, através de mídias e outros aparatos. Somando-se a esse entendimento, Foucault (1993, p. 100) compreende que a sexualidade opera a partir “dispositivos históricos”, sendo uma invenção social, que é difundida através de discursos sobre o sexo, que produzem verdades.

Contar onde essas autoras(es) se apoiam não é uma tentativa de categorizar “mulher lésbica”, tampouco aprisionar, ou fixar o que se entende sobre mulheres lésbicas, mas sim um esforço de compreender o que essas teorias e pensamentos tem a nos ensinar sobre lesbianidades, dentro dos limites de síntese. A partir dessas compreensões e dentro de um espectro das pesquisas que debatem gênero e sexualidade, neste artigo nos propomos a olhar para as mulheres lésbicas.

Caminhos teóricos-metodológicos

Esta pesquisa é uma etnografia. Assumimos que as pesquisas etnográficas possuem um caráter de não neutralidade, são feitas sempre de algum lugar e este posicionamento específico reforça o comprometimento ético e humanístico. Neste sentido, é relevante ressaltar que, a primeira autora deste trabalho se reconhece enquanto mulher, lésbica e preta. Compartilhamos de uma perspectiva etnográfica

alinhada com as autoras Abu-Lughod (2018), Donna Haraway (1995) e Linda Smith (2018), que reconhecem a posição da etnógrafa no mundo a partir do seu corpo, seu gênero, sua sexualidade, sua etnia e sua cor. A partir dos posicionamentos destas teóricas, nos afastamos de preceitos etnocêntricos, e em uma tentativa teórica e humanística, nos aproximamos de pesquisas descolonizadoras, assim como Linda Smith (2018) nos ensina, comprometendo-se a buscar justiça social, valorizando as colaboradoras e buscando diálogo direto com as mesmas.

A primeira autora esteve durante os meses de dezembro de 2023 a janeiro de 2025 acompanhando e participando dos treinos e pós-treinos da equipe de mulheres das Gaúchas (equipe esportiva de handebol LGBTQIAPN+). Esta equipe recebe em seus treinos mulheres de diversas sexualidades e gêneros, pois as coordenadoras da equipe compreendem que ser mulher já significa passar por um processo de exclusão esportiva. A escolha por uma imersão “de perto e de dentro” (Magnani, 2002), parte de uma compreensão de que assim é possível aprender junto com as colaboradoras da pesquisa as ações, negociações e sentidos presentes no grupo. Um importante passo metodológico foi não pensar nesse grupo enquanto unidade, mas compreender que esse grupo é heterogêneo, composto por mulheres plurais que possuem trajetórias distintas. Os encontros aconteceram semanalmente, com duração aproximada de 1h20min, em uma quadra poliesportiva de uma escola particular, de Porto Alegre (Rio Grande do Sul). Após alguns treinos, parte do grupo ia até o bar Área Livre⁴. Como procedimento metodológico, a primeira autora acompanhou as mulheres na maioria das vezes, por cerca de 2h com o grupo neste bar. Após os treinos eram gravadas notas de campo, primeiramente no aplicativo de celular *WhatsApp* e posteriormente transcritos para um documento no *software Microsoft Word* e elaborados os diários de campo.

Com o intuito de conhecer um pouco mais as pessoas que formavam a equipe, realizamos um questionário no *google forms*, que enviamos no grupo de *WhatsApp* da equipe no dia 30 de abril de 2024 e permaneceu disponível para respostas até 30 de setembro de 2024. De maio a junho não foi enviado novamente, devido ao período de enchentes de maio de 2024 que acometeu o estado do Rio Grande do Sul, mas esteve disponível para respostas, porém nenhuma foi recebida.

Esse processo de 13 meses, foi impactado por recessos de férias, feriados e pela maior tragédia climática do Estado do Rio Grande do Sul. Durante o período das enchentes, ocorreram chuvas torrenciais em Porto Alegre e em outras partes do Estado, o que resultou no transbordamento do Lago Guaíba e seus afluentes, provocando alagamentos em diversas regiões pelo Estado. Neste momento a equipe parou os treinos e se mobilizou para ajudar nos resgates, seja levando mantimentos, ou ajudando nos abrigos provisórios⁵. Desta forma, o período etnográfico resultou em 30 idas a campo, que resultaram em igual número de diários de campo, é importante destacar que os registros não estavam vinculados exclusivamente aos treinos, mas

4 Por questões de ética, o nome do bar é um pseudônimo.

5 Para maiores informações sobre a enchente é recomendado a leitura do artigo “O abrigo humanitário na ESEFID/UFRGS: o processo de acolhimento de pessoas atingidas pelas enchentes de maio de 2024” (Paiva, Voser, Gonçalves e Silveira, 2024). <https://seer.ufrgs.br/index.php/revext/article/view/142798>.

também a confraternizações e outras competições do grupo. A pesquisadora nos primeiros encontros com a equipe acompanhava os jogos do lado de fora da quadra, nas arquibancadas. Após três encontros começou a jogar junto com as mulheres e deste então assumiu o lugar de jogadora na equipe. Inclusive, participou de um torneio em outra cidade jogando pela equipe.

Após o período de imersão foram realizadas 11 entrevistas⁶ semiestruturadas que possibilitaram o aprofundamento de temáticas que emergiram do campo com diferentes pessoas que participam da equipe. Para a realização das entrevistas as mulheres assinaram o Termo Livre Esclarecido e para preservar o anonimato e por questões éticas, as mesmas escolheram pseudônimos para serem referenciadas. Para este trabalho utilizamos quatro dessas entrevistas. Esse número se justifica pois optamos neste trabalho em usar apenas as entrevistas que foram realizadas com mulheres lésbicas que estiveram nas Gaúchas durante o processo etnográfico. A análise das práticas de lazer foi orientada, sobretudo, pela noção de política ontológica proposta por Annemarie Mol (2008), que entende a realidade como algo feito na prática, múltipla e situada. Assim, o lazer, o gênero e a sexualidade são compreendidos como performados em campo — em suas materialidades, contradições e reorganizações. Ainda compondo a análise a partir da compreensão de uma ciência descolonizadora (Smith, 2018) serão acionadas as experiências vivenciadas no trabalho de campo, dando protagonismos às cenas, às falas, às situações em que as mulheres lésbicas da equipe participavam, apoiadas nas teorias de gênero e sexualidade anunciada anteriormente.

As Gaúchas

Retomando o debate sobre lazer esportivo, é no cenário de exclusões e apagamentos que surgem as equipes LGBTQIAPN+. Segundo Camargo (2024) na década de 1990 a equipe do Real Centro surgiu na capital paulista. No entanto, é importante destacar que a equipe ainda permanecia no armário, saindo somente nos anos 2000. No Rio Grande do Sul, a equipe do Magia surge como pioneira no Estado. Entretanto, no Brasil, a efetivação das equipes com esse aspecto tem seu *boom* entre os anos de 2016 e 2017, incluindo a equipe das Gaúchas, que surgiu em 2017.

As Gaúchas surgem enquanto coletivo LGBTQIAPN+ em 2017 com diversas modalidades, entre elas, vôlei, handebol, corrida, fut7. Com a pandemia de COVID-19 e a suspensão dos treinos durante o período de *lockdown*, a equipe retorna, após um período de dois anos com os treinos das equipes de handebol de homens e mulheres, que possuem propostas diferentes. Enquanto a equipe dos homens possui um formato que prioriza treinos de rendimento voltados para as competições, a equipe das mulheres oferece treinos que possibilitam a integração de mulheres através do esporte, conforme identificamos em uma fala corriqueira de uma das organizadoras da equipe e registramos em diário de campo:

⁶ As falas das entrevistas foram mantidas conforme registradas, sem alterações gramaticais.

A gente vai para o centro da quadra, como normalmente acontece nos inícios dos jogos, tem meninas novas e a gente se apresenta, faz uma rodada bem rápida de apresentação, dizendo o nome e a posição que joga. Antes desse momento se iniciar, a **Billie Jean faz um pequeno discurso dizendo que as Gaúchas são pela diversidade, que estão ali pela diversão, para aprender, enfim, esse é o intuito**, ela sempre frisa isso (Grifo nosso - Diário de campo - 05/02/2024).

Esse formato prioriza aproximar as mulheres LGBTQIAPN+ e heterossexuais da prática do handebol em um espaço de socialização e sociabilidade, respeitando suas diversidades, mostrando-se significativo para essas mulheres, que compreendem esses espaços de lazer, esportivos, como lugares de exclusão e/ou discriminação. Em entrevista com a jogadora Gabriela, identificamos algumas pistas sobre a dimensão que a equipe das Gaúchas ocupa no tempo/espaço de lazer delas.

Por que a gente abriu para mulheres héteros cis, né? Se abriu justamente para entender que mulheres como um todo, mulheres sofrem, sempre sofrem, sempre é difícil, sempre é problemático, sempre é, sabe? E esse sempre foi um longo debate assim, sabe? Tipo, tá, mas essas mulheres vão estar aqui, mas como elas vão estar aqui? Eu acho que para nós, o debate mais do que se elas estarão aqui ou não, era como elas estarão, né? E o que é esse como? É entender que é um time LGBT que ia aprender mais, né? Entender que elas não estão jogando handebol, entender que elas estão levantando uma bandeira, né? (Entrevista Gabriela - 25/02/2025).

Essa fala expõe que a equipe está aberta para mulheres, independente da sua orientação sexual, mas que é um espaço de afirmação LGBTQIAPN+ que prioriza elementos que vão além da fruição da prática esportiva, mas buscando a constituição de um espaço seguro para as mulheres. A partir das respostas do questionário mencionado anteriormente, identificamos que na equipe haviam 82,9% (34) de pessoas que se identificam como LGBTQIAPN+, 61% (25) de pessoas que não tinham tido experiências anteriores com handebol e 90,2% (37) das pessoas tiveram sua primeira experiência em uma equipe LGBTQIAPN+ com as Gaúchas. Esses números nos ajudam a compreender algumas características das pessoas que compõem a equipe. Muito além de um espaço de prática esportiva, as Gaúchas se constituem em um espaço de socialização, respeito pelas diversas sexualidades e trajetórias no esporte, além de capturar essas pessoas e promover vínculos duradouros, que podem sugerir uma relevância dessa equipe. A equipe se constitui como um coletivo em constante transformação, cujas práticas de lazeres, de resistência e de pertencimento vão compondo modos diversos de ser lésbica, esportista, mulher e gaúcha. Conforme propõe Mol (2008), a realidade não está simplesmente aí, esperando ser representada. Ela é feita nas práticas situadas. Assim, o handebol jogado por As Gaúchas não é uma reprodução do esporte hegemônico,

mas se inscrevem memórias, traumas e alianças políticas que fazem do jogo múltiplas realidades.

Para compreender as dinâmicas da equipe o recorte que este artigo pretende se atentar, foram selecionadas quatro entrevistas de mulheres lésbicas, cisgênero e brancas, que atuam na equipe, sendo elas: Gabriela Moreschi, que integra a equipe há mais de 2 anos e que tem experiência com o handebol anterior as gaúchas, Cristiane Rozeira que está entre 6 à 9 meses, Carol que faz parte da equipe entre 6 a 9 meses e Ramona Victoria Flowers está na equipe entre 1 à 3 meses. Os nomes são pseudônimos para proteger a identidade das colaboradoras, também foi pedido para que a escolha dos nomes estivesse relacionada a atletas ou indivíduos LGBTQIAPN+.

Quem entra e quem sai? As negociações para integrar uma equipe LGBTQIAPN+

Mais que uma dinâmica de pessoas que entram e saem e podem fazer parte da equipe das Gaúchas, esse tópico lança o olhar sobre os acessos, às dinâmicas de pertencimento, permanência e exclusão na equipe. Para as mulheres, entrar na equipe, não figura apenas estar fisicamente no espaço, mas ser acolhida e reconhecida como parte do coletivo. Essa possibilidade inclui construir a própria lógica interna da equipe, uma vez que o social organiza as dinâmicas cotidianas, sendo assim, não estamos falando apenas do convívio entre pessoas, ou suas relações, mas também do conjunto de normas e regras estabelecidas por elas. Portanto, na equipe todas as mulheres tomam para si essa posição de organização, isso possibilita organizar até mesmo a posição dos homens, que historicamente assumiram, e em alguns casos ainda assumem, um lugar de afastar as mulheres dos esportes. Diante do exposto, algumas cenas de quadra vão apontar para essa direção, onde a lógica se inverte e as mulheres são as protagonistas, organizando inclusive os homens neste tempo/espaço de lazer delas.

Nesse contexto a presença de um técnico homem cis-hetero-branco poderia ser contraditória em uma equipe formada majoritariamente por mulheres lésbicas. Mas Éric, que por vezes é descrito como “aliado” (Entrevista Gabriela - 13/02/2025), tem sua presença validada e respeitada. Todavia essa figura que comanda os treinos e está em posição hierárquica de poder, parece compreender a lógica interna da equipe, que não aceita a postura de técnicos que se constituem a partir de uma masculinidade hegemônica e em certa medida tóxica. A partir desta postura a equipe não questiona, ou se opõe a presença do técnico, que compreende a lógica interna da equipe. Em vez de ser imediatamente recusado, sua permanência é negociada e autorizada a partir de determinados critérios afetivo-políticos.

Pra mim, quando eu cheguei no primeiro treino e vi que o treinador era um homem branco, hétero, achei muito estranho. E aí, depois

do treino, eu pensei: “Tá, entendi”. Não precisou muito, não precisa refletir muito sobre nada. É isso aí, cara. Ele entende muito do esporte. Ele é uma pessoa muito humana, assim. E ele consegue cobrar da maneira certa. Cobrar sem te deixar mal, sabe? Acho que é sensacional. O Éric pra mim foi uma das maiores surpresas dentro das Gaúchas, na verdade, foi o Éric (Entrevista Carol - 10/03/2025).

Gosto do método dele, assim, gosto que ele não nos xinga. Tipo, não tem essa coisa, assim, meio maluca de competitividade. E eu gosto dele. Assim, não me importa que seja um homem, né? Acho ele muito querido, acho que ele acolhe super as diversidades do time, pelo menos no que eu vejo, né? (Entrevista Cristiane - 10/03/2025).

Esses são recortes das entrevistas onde as mulheres são convidadas a falarem sobre a sua relação com o técnico. Além disso, Éric tem um histórico dentro do esporte, tendo praticado, sendo árbitro de partidas e técnico de várias equipes de mulheres. Além do seu perfil de técnico, esse histórico viabiliza a sua inscrição na equipe, que poderia ser problemático, e em certa medida é contraditório. Esses trechos podem ser interpretados como sintomáticos. A suspensão do pensamento crítico diante da figura do homem que “entende muito” reforça a autoridade masculina no campo esportivo. A legitimação de sua presença não vem apenas da escuta ou do afeto, mas do repertório técnico, um saber historicamente negado às mulheres. Nesse sentido, a aceitação de Éric não rompe totalmente com o sistema, mas talvez o reinscreva em outras bases: mais suaves, mais humanas, mas ainda marcadas por uma lógica em que o técnico ideal continua sendo um homem.

Um espaço em que essa presença se mostra atuante e importante é durante o Torneio em Butiá. Foi perceptível o alinhamento entre técnico e equipe, com a sua posição passando a ser horizontal e dividindo as responsabilidades com a coordenação. Sendo compartilhada a decisão das pessoas que iriam ser convocadas para o torneio, visto que mais pessoas se disponibilizaram a ir do que o número permitido de inscrições:

O Éric falou no início da conversa. Ele fez um discurso semelhante ao que tinha naquela mensagem no grupo do *WhatsApp*. E aí ele usou a expressão que “A GENTE DECIDIU” então entendi que não foi só uma decisão só do Éric, teve ali uma conversa com as gurias da coordenação, onde foram discutidos alguns aspectos entre eles os critérios para “convocar” as gurias, que alguns deles foram, assiduidade, empenho e tempo na equipe (Diário de Campo - 25/11/2024).

A presença de um técnico homem repercute no que se quer e se espera dessa equipe, uma vez que uma mulher como técnica poderia gerar insatisfações com convocações a partir de um relacionamento afetivo-sexual extra quadra. Nos damos

conta desta possibilidade durante o torneio, onde uma mesma técnica de uma equipe de homens e mulheres, que tem um relacionamento afetivo com uma atleta da sua equipe e a tem também como sua auxiliar na equipe dos homens. Ainda que essa dinâmica interna não seja completamente consciente, a sexualidade de quem está no comando técnico é importante para a ocupação do cargo nas Gaúchas, somando-se ao fato de que o técnico tem um repertório esportivo, se afasta de uma masculinidade hegemônica e tóxica, e se aproxima de uma posição mais humana e compreensiva, se tornando um aliado.

Eu acho o Éric maravilhoso, eu acho ele uma pessoa sensacional. E eu adoro que ele é um ótimo treinador, eu acho que ele é muito bacana. E eu fico feliz, assim, que a gente tem, não sei lá, antes ele do que a treinadora dos guris, que é uma escrota, sabe? Que ela, no campeonato, a gente vendo atitudes inapropriadas delas (Entrevista Ramona - 06/03/2025).

Anteriormente à ocupação do cargo por Éric, houve outras mulheres treinadoras e uma delas havia estabelecido uma regra/conduita, da qual não se relacionava afetivamente com ninguém que estava na equipe. A justificativa dessa conduta se dá pelo fato de que essa mulher também é professora e uma relação romântica aluna(o)-professora não faz parte da sua conduta ética e moral. Em relação ao técnico, as mulheres determinam a forma que ele precisa se posicionar em quadra e fora dela para permanecer na equipe. Desta forma, o que vai se mostrando ao decorrer da etnografia é que além de todos os motivos que autorizam a sua permanência, o técnico consegue pessoalizar em si um aliado. Uma vez que atua de forma respeitosa e compreende os princípios de que permeiam a equipe, mesmo sendo um homem padrão (branco, heterossexual, pai, classe social média), compreende que a heterossexualidade naquele espaço é fora da norma, a lógica é inversa, ou seja, a heterossexualidade é desviante e as mulheres LGBTQIAPN+ são protagonistas deste espaço.

Para mim a coisa mais marcante dele é ele falando “o nosso projeto”. Tu entende? É um homem hétero falando de um time LGBT para mulheres lésbicas e bissexuais. [...]. E ele dizendo, “o nosso projeto”. Isso para mim é... até me emociona, para. Capaz de começar a chorar aqui (Entrevista Gabriela - 13/02/2025).

A gente foi super bem no campeonato, considerando que a gente não treina pra isso. Mas acho que se a gente quer, e pelo que eu notei, a gente quer jogar outros campeonatos, de fato tem que ter... Tem que cobrar nos treinos. Porque não adianta tu estar ali fazendo a mesma coisa todo treino, não é falta. E tu chegando no campeonato é falta. Então, de fato, acho que tem que ter cobrança. Acho que o Éric sempre vai saber cobrar do jeito correto (Entrevista Carol - 10/03/2025).

A partir da proposta de Annemarie Mol (2008), compreende-se que as realidades não são fixas, mas produzidas nas práticas. A presença de Éric, treinador homem cis, branco e heterossexual, não é uma constante anterior à experiência. Ela é tecida no cotidiano da equipe, sendo ajustada, testada e validada por meio de condutas e relações que o associam à ideia de um técnico respeitoso, sensível e competente. Sua atuação, portanto, não é neutra. Ela produz efeitos. Um desses efeitos é sua legitimação em um espaço que se constitui em resistência ao sistema esportivo tradicional.

Ao mesmo tempo em que foge de um modelo autoritário, Éric assume uma posição de exceção. Ele representa uma figura masculina que, mesmo ocupando um lugar de poder, é aceita e valorizada por não reproduzir gestos típicos da masculinidade hegemônica. No entanto, essa aceitação não se dá sem consequências. Em contraste com a figura de uma treinadora de outra equipe, que é descrita por adjetivos negativos, surge uma assimetria de gênero. A autoridade masculina é reconhecida como competente, enquanto a feminina é deslegitimada por afetos negativos. Essa diferença de tratamento evidencia que certas hierarquias persistem, mesmo em espaços que afirmam romper com o sistema dominante.

Esse tipo de tensão pode ser lido à luz da noção de sistema em Latour (2012), que argumenta que sistemas não são estruturas fechadas, mas redes ativamente mantidas por práticas que os estabilizam. Nesse sentido, a presença de Éric não apenas desafia normas vigentes. Ela também desestabiliza o sistema, pois reconfigura os modos como o poder técnico pode ser exercido. Ao mesmo tempo, sua permanência como exceção pode contribuir para a atualização de formas de autoridade masculina, agora mediadas por afetos positivos. É nesse ponto que se inscreve uma ambivalência fundamental.

O que está em jogo não é simplesmente se ele representa uma ruptura ou uma continuidade. O que importa é compreender os efeitos que sua presença gera. A política ontológica de Mol (2008) nos convida a observar como essas tensões se constituem em rede, produzindo múltiplas versões da realidade que convivem, entram em atrito e se reconfiguram. A figura do técnico, nesse caso, ocupa uma posição que não pode ser fixada em termos binários. Ele tanto contribui para um deslocamento das formas tradicionais de autoridade quanto ocupa um lugar que continua sendo estruturado pelo sistema que se pretende desestabilizar.

Ao vivenciar, a rotina da quadra ao lado das mulheres que pudemos acompanhar ao longo desta pesquisa, compreendemos que essas noções sociais e políticas, no que se refere a gênero e sexualidades, são vividas, negociadas e tensionadas dentro das Gaúchas. Inúmeras são as experiências etnográficas que apontam esses aspectos, outro exemplo é quando observamos que companheiras(os) afetivas(os) dessas jogadoras, por vezes acompanhavam os treinos das arquibancadas. Essas presenças por mais esporádicas que fossem revelaram dinâmicas sociais que descolam as noções de gênero. Uma vez que, os companheiros homens eram (re)nominados de acordo com o nome da sua companheira.

Eu acho que isso é reparação histórica. Porque quantas vezes as mulheres são a....: “Ah, mulher do fulano, ah, não sei o quê”. Então,

acho que tem que chamar o Alicio, o Daiano. O Cláudio pode ser Diano, eu não me importo (Entrevista com Carol, 10/03/2025).

O ponto de referência segue sendo a tua mulher, sabe? Então, tipo, a pessoa do time é referência de liderança e tu é um acessório da tua acompanhante. Eu acho isso legal, sabe? Acho engraçadinho (Entrevista com Ramona, 06/03/2025).

Essas falas destacadas das colaboradoras evidenciam um rompimento de lógica social, onde as mulheres muitas vezes são vistas como ‘namoradas de’ ou ‘esposas de’, onde suas identidades individuais são apagadas e colocadas em segundo plano. Ao compartilharem essas vivências elas vão tensionando essa posição e se colocando como protagonistas dos seus espaços de lazer. Articulando com as noções de gênero apresentadas no texto, vemos que ele está longe de ser fixo, nesse espaço ele é produzido e negociado nas relações sociais desta equipe.

Nesse sentido, no processo etnográfico, outro elemento captura nossa atenção. Dentro da equipe de mulheres houve momentos em que homens transsexuais fizeram parte da equipe, mas na equipe dos homens esses homens transsexuais não se fazem presentes. Importante ressaltar que os homens transsexuais que estavam na equipe, foram convidados a estar na equipe de homens, mas decidiram estar na equipe das mulheres. Esse tema que em alguns espaços pode ser delicado e de confronto, parece ser tratado com respeito e compreensão em relação às escolhas, mas não sem questionamentos sobre a prática esportiva.

O formato deles (dos homens) não é, é inclusão também, mas os guris têm uma coisa mais competição também. Eles não são um time de competição, mas eles fazem mais essa relação entre ser inclusão e ser competição mais do que nós... Mas esse é um tópico que a gente volta e meia, a gente está debatendo, porque daí, como tu inclui população trans? E daí tem um imbróglio, se tu inclui população trans, tu tá incluindo população não-binária também? Aí faz sentido ter time masculino e o time feminino? (Entrevista Gabriela - 13/02/2025).

Nas falas das entrevistadas é possível vislumbrar um diálogo com a teoria de Butler (2003) sobre gênero como uma performance de reiteradas práticas sociais. Diante destas cenas o binarismo dos esportes é tensionado junto da própria lógica interna da equipe, que se propõe a ser inclusiva. O que essas mulheres nos contam é que o modelo de constituição de masculinidades agressivas, autoritárias e de violências, de fato se constituem no discurso. Discurso este, que é produzido pelas falas, piadas, gestos e representações. Nesse sentido, podemos refletir sobre a presença de mulheres e homens transsexuais na equipe de mulheres, e até mesmo a presença do técnico homem. Onde no contexto da equipe, a norma de gênero está em debate para quem está dentro e fora da quadra, onde as mulheres na prática nos mostram que

gênero é um elemento fluído, escapando ao essencialismo biologicista, onde gênero é constituído nas relações cotidianas, e não é dado *a priori*, mas se faz na complexidade das práticas, na qual diferentes expressões de gênero coexistem, sendo constituído pelas experiências compartilhadas na equipe.

A partir da reflexão da teoria performática de Butler (2003) é possível uma aproximação com a teoria de Annemarie Mol (2007; 2018). Em que Mol (2008) utiliza o termo *enact*, o termo está muito próximo de *performance*. A autora justifica que o *enacting* apresenta uma certa estabilização, um sentido de causa-efeito. Como por exemplo, as mulheres das Gaúchas fazem uma ação e esta ação gera um resultado, neste ponto temos como resultado uma situação estável. Em entrevista Mol (Martin; Spink; Pereira, 2018) compreende que *enact* há uma noção de que as coisas estão sendo feitas no presente, no agora, e não estão estáveis e fixas, sempre podendo ter espaço para novos resultados. Neste sentido, durante o processo etnográfico foi possível observar que as mulheres vivem seus gêneros e sexualidades na equipe das Gaúchas explorando as possibilidades de performar (*enact*) estes de muitas maneiras. A partir de Mol (2008) podemos pensar na multiplicidade de gênero e sexualidade através do conceito de políticas ontológicas, no qual a autora propõe que olhares plurais para uma situação, com diferentes abordagens e perspectivas podem coexistir e se coordenarem.

Ontologias, note-se. A palavra tem agora que vir no plural. Porque, e se trata de um passo fundamental, se a realidade é feita, se é localizada histórica, cultural e materialmente, também é múltipla. As realidades tornaram-se múltiplas (Mol, 2008 p. 2).

Em síntese, as políticas ontológicas vão possibilitar pensar as realidades, de forma material, pois elas existem, estão sendo vividas na prática, ou seja, a realidade é o que é feito na prática de muitas maneiras. E a política está para dizer como essas múltiplas faces interagem. Mas mais do que uma resposta pronta, de quem pode entrar, esse coletivo se questiona, sobre quais normas de gênero e sexualidade estão sendo desestabilizadas quando se joga?

Entre as quadras e os bares: Os lazeres nas Gaúchas

Após os treinos, a quadra deixa de ser o cenário principal e o bar passa a ser o cenário onde as práticas de lazer são reinventadas e as redes de apoio se constituem. No bar as mulheres ficam à vontade para falar sobre seus relacionamentos, combinar festas, encontros e dividir suas histórias de vida. O bar vai se constituindo para além de um espaço de encontro para tomar uma cerveja, mas como mais um espaço de escuta e acolhimento para essas mulheres, onde elas são protagonistas. Ainda que possibilite todas essas potências, o bar foi o espaço onde uma das mulheres se deparou

com as Gaúchas, dando tons de um espaço não apenas de continuidade, mas para novas conexões.

Eu tava bebendo no bar Área Livre, e as gurias ... era na segunda-feira, e as gurias foram pra lá depois de um treino. E a minha melhor amiga tava comigo nesse dia. Ela foi colega da Max na faculdade. E aí elas começaram a conversar. Eu trabalhava já no Área Livre, já tinha visto ela algumas vezes, elas algumas vezes lá. E aí, nesse dia especificamente, eu perguntei tipo: “Como é que funciona? Vocês jogam o quê?” (Entrevista Carol - 10/03/2025).

Neste trecho podemos ver uma nova conexão surgindo entre a equipe e a futura jogadora. Neste sentido, o bar é mais um elemento para a constituição desse tempo/espaço de lazer. Mas por vezes esse momento não se constitui como uma extensão da quadra, pois nem sempre os assuntos estão relacionados aos treinos. Em ambos os ambientes não há espaço para preconceitos, as pessoas se sentem seguras para expressarem suas identidades, sem medo de olhares atravessados, ou comentários lesbofóbicos.

Ah, eu acho maravilhoso, porque eu acho que ele é um espaço de confraternização fora de quadra, né? Então tu consegue conversar mesmo, né? Quando tu consegue... Até muitas vezes teve muitos bares que a gente entrou em debates muito interessantes sobre, por exemplo, bissexualidade, bifobia, né (Entrevista Gabriela - 13/02/2025).

É que depende do bar. Eu acho que tem várias específicas. Que a gente vai para focar sobre alguma coisa, ou depois do campeonato, ou depois de uma festa, ou depois disso, depois daquilo. Mas acho que de maneira geral, a gente consegue transitar muito por vários assuntos (Entrevista Carol - 10/03/2025).

(...) Daí os primeiros bar eu ficava mais tímida, assim, mais da minha, mais quieta. Eu acho as gurias tão queridas, assim, tão, tipo, acolhedoras que aos poucos eu fui me soltando mais (Entrevista com Ramona, 06/03/2025).

O espaço do bar se constitui como mais um espaço/tempo para elas exercerem o direito ao lazer; além disto, no bar há espaço para problematizar situações e trazer à tona pautas relevantes para as mulheres, como questões relacionadas a preconceitos, machismo, lesbofobia, mas também como pautas mais cotidianas, mais corriqueiras, que nem sempre vão gerar debates, mas que possibilitam identificações. Como complemento, esse momento no bar rompe a esfera do lazer privado, do lazer “escondido” e vai para a esfera pública, ocupando a calçada do bar. Segundo Aline Nascimento, Gustavo Montenegro e Márcia da Costa (2025), a comunidade

LGBTQIAPN+ tem restrições a esse lazer, seja por olhares discriminatórios que apenas uma pessoa da comunidade consegue identificar, violência física e simbólica, tornando esses acessos mais difíceis e violentos. Nesse sentido, as mulheres da equipe exercem a presença política dos seus corpos, acessando esse espaço, podendo exercer suas identidades da forma que cada uma experimenta essa vivência humana.

Seja no bar ou na quadra, a ocupação destes espaços por um coletivo identificado como LGBTQIAPN+ é atravessada pela busca de segurança. Neste sentido, em estudo de 2020, Cláudia Kesller aponta através de vários trabalhos reflexões sobre lesbianidades dentro do futsal/futebol relacionados no âmbito do lazer e esporte. Ao mencionar esses trabalhos, uma ambivalência se faz presente. Embora o esporte seja pioneiro em formar espaços seguros para as mulheres expressarem suas sexualidades e desejos, alguns destes ainda que diversos (em sexualidade) produzem violências, como por exemplo não ser permitido ultrapassar o limite da feminilidade.

Por sua vez, Mariane Pisani (2018), em uma etnografia realizada com cinco equipes de futebol, entende que, a partir do contexto pesquisado, é possível que as mulheres encontrem espaços para construir uma rede de segurança e afetos, que permite que estas possam experimentar relações que extrapolam a lógica da heterossexualidade. No caso das Gaúchas, ao acompanhar a equipe, evidenciou a construção de um espaço seguro para pessoas LGBTQIAPN+ em que se é permitido exercer o seu direito ao lazer, dentro e fora das quadras de forma respeitosa, além de viver sua sexualidade sem julgamentos

No cotidiano da equipe as mulheres vão agenciado suas performances de gênero, tensionando as inúmeras possibilidades de ser lésbica. Por compreender que a pesquisa é feita com elas, durante um treino perguntamos para uma das mulheres da equipe o que fazia as Gaúchas diferente de outras equipes.

“O que fazia as Gaúchas diferente, o que que ela conseguia ver de diferente nas gurias da Gaúchas, o que fazia o Gaúchas ser Gaúchas diferente das outras, das outras equipes?”. De pronto e sem pensar muito ela me falou “a diversidade!”, e completou, “diversidade, que tem tudo, tem hétero, tem bi, tem lésbica”, e, ela falou e apontou pra Roberta, “que nem parecia um time de sapatão, que a Roberta é super feminina e tal”. Aí, eu perguntei pra Júlia, que estava sentada do meu lado, se ela concordava, que era a diversidade, e ela concordou (Diário de Campo - 22/04/2024).

A interlocutora aponta para os estereótipos de sapatão, uma vez que uma das mulheres que é lésbica nem parece sapatão pois é feminina. Tânia Souza e Aline Gonçalves (2020), trazem as *Ladies*, como lésbicas que estão dentro de um padrão social aceitável, dentro do sistema heteronormativo, negando suas sexualidades em processos históricos. Já as *butchs*, romperam com as normas sociais e seriam “os homens da relação” (p. 30). Mesmo que a sexualidade compartilhada seja a mesma por várias mulheres do grupo, as formas sociais de se vivenciar essa sexualidade não

é homogênea. Sendo assim, o time é formado por representações heterogêneas de ser sapatão, representando a diversidade de ser sapatão:

E eu gosto por isso, assim, por ter essa diversidade. E até pra, tipo, eu conseguir me identificar, sabe? Como, né, descobrir como também eu quero me mostrar, sabe? Eu gosto disso, assim, de poder ver as pessoas (Entrevista Cristiane - 25/02/2025).

Inclusive as Gaúchas teve um processo muito importante pra mim em eu entender e me entender como uma lésbica desfem. Entender que tava tudo bem, entender que... Entender que cada um com seu jeito, seu estilo, sua vida, enfim. Então as Gaúchas, inclusive, não só eu nunca tive nenhuma situação ruim, como o grupo das Gaúchas foi muito importante pra eu me entender uma mulher desfem, uma mulher lésbica desfem, e me jogar de cabeça nisso, entendeu? (Entrevista Gabriela - 13/02//2025)

É, foi uns dois anos atrás, eu acho, me dei conta disso até, todas as nossas coisas de diversidade. E eu tenho uma expressão de gênero fluida, né? Que eu tenho uma expressão de gênero queer, que não necessariamente é feminino ou masculino. Eu sei que eu transito muito nessa questão, mas eu também sou muito feminina, né? Até eu brinco, eu tenho crise. Qual estética LGBT que eu sou sapatão? (Entrevista Ramona - 06/03/2025).

Desta forma as mulheres vão tensionando o que se espera de uma sapatão, nesses espaços elas constituem e afirmam suas expressões de gênero de forma segura, corajosa sem negociações e concessões. Em certa medida a equipe das Gaúchas contribuiu para essa autoafirmação das suas performances de gênero, que ultrapassa as linhas da quadra, pois uma vez que estão em um espaço seguro, não há impedimentos para não serem quem são. O que essas falas nos provocam a pensar é que a partir do ingresso na equipe, foi possível ultrapassar esse tempo/ espaço de lazer e incorporar no cotidiano da vida, no trabalho, em casa, nas relações, ou em outros espaços essas outras formas de ser. A literatura nos mostra que em outros espaços a expressão de gênero é um fator importante de afastamento em equipes, como no trabalho de Silveira e Stigger (2013), onde no time de futsal era imprescindível que as mulheres performassem feminilidades muito próximas da hegemônica. Almeida e Soares (2021) tecem comentários sobre isso também, que dentro de um grupo de mulheres, onde elas não performam o esperado, foi o suficiente para que fossem lidas como lésbicas. Porém, dentro das Gaúchas a diversidade de experiências de ser e estar no mundo é bem-vinda, desde que alinhadas com valores de inclusão.

Dentro e fora de quadra as mulheres colocam em suspensão vários elementos, nada parece ser fixo ou imutável. Tudo pode ser (re)pensado, ou negociado a partir das decisões, negociações e acordos estabelecidos por elas. Entre os elementos abertos à negociação está o tipo de handebol que será jogado, que parece ser condicionado ao

espaço (quadras), ou finalidade (treinos, amistosos, competições...). Não se limitando a apenas uma dimensão, e sim multiplicando as potências, sendo um espaço de lazer, de busca de performance técnica e tática e um espaço de construção de vínculos. Esse caráter múltiplo se materializa com maior destaque na participação durante o Torneio de Butiá, que colocou em evidências as múltiplas realidades dentro da equipe, seja em relação às mulheres ou os “handebóis”.

O torneio gerou expectativas e mudanças na dinâmica dos treinos. As mulheres estavam se dedicando aos treinos preparatórios. Havia um misto de sentimentos, ansiedade e expectativas, visto que seria a primeira vez que iríamos participar de uma competição.

Estávamos indo para a quadra com uma mulher que ia treinar pela primeira vez com a gente. A Carol disse que estava havendo muita aderência ao treino, porque a gente ia para um campeonato domingo, e a gente nunca tinha participado de um campeonato, então estava com umas coisas diferentes. Inclusive que os treinos estavam sendo bem mais sérios e tal, e a Leandra falou que elas estavam um pouco nervosas pelo torneio (Diário de campo - 02/12/2024).

O campeonato gerou uma série de treinos específicos de preparação e um treino extra que foi realizado em outra quadra. Após a lista das selecionadas já divulgada no grupo do *WhatsApp* da equipe, no treino seguinte, já preparatório para a competição, em uma jogada isolada, sozinha a Ramona sofreu uma contusão em um dos dedos da mão. Isso fez com que ela fosse cortada da lista de selecionadas.

Fiquei muito puta que eu não pude jogar, nossa, eu fiquei muito brava, no dia que eu machuquei o dedo eu estava brava, eu fiquei muito brava, porque eu não pude jogar o campeonato, eu estava ansiosa para poder jogar um pouco o campeonato (...) (Entrevista Ramona - 06/03/2025).

O torneio produziu uma série de sentimentos nas mulheres, mas além disso mobilizou a presença de um novo item, um mini quadro tático de handebol com ímãs, no qual Éric mostrava como as atletas deveriam se deslocar e realizar a jogada da “roda”, ou a “chegada”. Durante o período que a etnografia transcorreu este item não apareceu em outras situações e após o torneio e início da temporada de 2025 ele continuou ausente. Outro elemento que surge é a possibilidade de treinar em outra quadra, uma quadra com dimensões maiores e mais próximas das quais encontramos no Torneio. A quadra que os treinos são realizados regularmente possui dimensões pequenas, visto que a quadra é dividida em três quadras menores na vertical, na qual treinamos em uma delas e na horizontal forma uma grande quadra.

Para o treino extra todas as mulheres foram convidadas a participarem, mas foi destacado o quanto era importante, de acordo com a disponibilidade, que as pessoas selecionadas estivessem presentes, inclusive três mulheres que não foram selecionadas para jogar no torneio foram ao treino extra. Neste treino além das situações de jogo que foram repassadas, por ser realizado em uma quadra maior, o tempo de jogo e permanência na quadra, sem substituição também foram ajustados. Esse treino foi uma pequena experiência do cenário que encontramos durante o Torneio.

Para o dia do torneio houve uma mobilização para levar lanches, frutas e água. Nesse dia, pessoas que não foram selecionadas acompanharam a equipe para torcer, tendo havido uma mobilização da equipe como um todo. Ramona também acompanhou a equipe, além disso, registrou os jogos da equipe em filmagens e fotografias. A mobilização da equipe, em certa medida, generificou a equipe, tendo em vista que várias das mulheres pintaram as unhas com as cores da equipe. Durante o percurso até o local do torneio, ainda no ônibus algumas mulheres se revezaram para terem seus cabelos trançados pela Cristiane, que também não foi selecionada para jogar, mas acompanhou a equipe junto da sua namorada. Goellner (2009) explica que o campo do lazer produz e reproduz práticas que ditam o que é feminino e masculino. Neste episódio as Gaúchas colocam em contradição esse conceito se pensarmos que o campo dos esportes e competições pertence aos homens, elas desafiam esse pressuposto, mas se pensarmos que o embelezamento é atribuído às mulheres, nós reafirmamos esse lugar do feminino. Com isso, é possível pensar nas contradições da existência humana e reafirma que apesar disto, o lazer é generificado.

Tendo em vista esta experiência, ela tencionou a forma que o handebol é vivido e experienciado, evidenciando que dentro da equipe não apenas múltiplas realidades coexistem, mas se chocam, se questionam e se refazem.

E aí, depois disso, a gente foi conversar sobre o jogo. A Leandra foi buscar a prancheta do Eric e ele foi explicando ali o que a gente tinha que fazer no último jogo. Mas dessa vez ele ia explicar antes do jogo, já que no segundo jogo a gente não fez isso. E aí ele falou ali sobre a possibilidade de jogar com dois pivôs e a Cláudia falou que preferiria que fosse assim. (...) Depois das premiações a gente se organizou pra ir embora. As gurias compraram cerveja e colocaram no cooler. O ônibus saiu e os guris logo ligaram a caixa de som tocando Anitta e Pablo. Nem parecia que o pessoal tinha jogado o dia todo, porque uma galera ficou de pé cantando e dançando (Diário de Campo Torneio - 8/12/2024).

Durante o processo etnográfico foi possível observar que as mulheres vivem suas próprias realidades dentro das Gaúchas explorando as possibilidades de vivenciar o esporte. Para pensar a multiplicidade de “handebóis” retomamos as ideias de Mol (2008), que nos ajuda a partir do conceito de política ontológica, no qual a autora propõe que a realidade não é única e estável, mas sim múltipla, ou seja, não somente diferentes

perspectivas sobre handebol, mas diferentes handebóis são produzidos a partir de diferentes práticas. Explorando esse conceito, o handebol também assume agência, uma vez que vários “handebóis” estão se constituindo e coexistindo ao mesmo tempo. Sendo assim, é possível pensar que o handebol que se jogou em Butiá é diferente do que é jogado nos treinos, pois havia contornos mais rígidos, como arbitragem, regras e expectativa por resultados positivos, portanto cada contexto, “faz” o handebol, uma vez que a realidade não precede a prática, ela está na prática. Diante disto o handebol não “é”, mas é “feito” na prática, de modo que não existe um handebol na essência, mas existem performances deste esporte.

Essas cenas demonstram as múltiplas dinâmicas que o torneio produziu na equipe, reorganizando afetos e corpos. Nesse sentido o corpo como lugar de afetação, corpo que sente, que se lesiona, se transforma, que busca performance técnica, e corpos múltiplos que coexistem na equipe e talvez até em uma única pessoa.

Conclusão

Como discutido anteriormente, os espaços de lazer podem se constituir enquanto espaços violentos para mulheres lésbicas. Para exercerem esse direito passam por desafios como machismo, lesbofobia, e tantas outras formas de violências e silenciamentos. Mas dentro das Gaúchas, as mulheres conseguem encontrar um espaço de acolhimento, de identificação enquanto possibilidade de construir sua identidade sapatão, ou outras se assim quiserem.

Essas mulheres lésbicas vão rejeitar uma lógica social, que é organizada a partir da matriz da heterossexualidade, na qual o machismo e violências de gênero se fazem presentes, e onde as suas posições foram historicamente organizadas por homens, sendo dona de casa, mãe, esposa, sendo afastadas dos esportes e do lazer. Então rompendo com essa lógica e trazendo para si o protagonismo dentro da equipe das Gaúchas, essas mulheres invertem a lógica e, passam a organizar a posição que os homens vão ocupar na equipe, ademais tendo a possibilidade de até mesmo afastá-los, ou não, mas essa é uma decisão que cabe a elas.

Por fim, passamos a compreender a partir das ações destas mulheres na equipe, como gênero e sexualidade vão agenciar práticas coletivas esportivas nesse tempo/ espaço de lazer. Nesse sentido, gênero e sexualidade são tomados como organizadores do social e da cultura da equipe. Assim como são performados nas relações, o lazer também é performado, e nele, coexistem o cuidado e o conflito, a escuta e o silenciamento, o acolhimento e a exclusão. Reconhecer isso não é negar as potências do coletivo, mas é justamente afirmar sua complexidade. A equipe das Gaúchas, ao se organizar como um coletivo no esporte, não apenas reivindica um lugar no lazer, mas também produz esse lugar, com suas contradições e possibilidades. Todavia, nas Gaúchas são produzidos outro conjunto de comportamentos, normas e regras, que buscam desafiar o sistema. Portanto, a partir de políticas ontológicas de

gênero e sexualidade, estes elementos organizam o social da equipe, fazendo com que as múltiplas possibilidades de vivenciar gênero e sexualidade sejam performadas (*enact*) no cotidiano das quadras.

Referências

ABU-LUGHOD, Lila; DO REGO, Francisco Cleiton Vieira Silva; DURAZZO, Leandro. A escrita contra a cultura. *Equatorial–Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social*, v. 5, n. 8, p. 193-226, 2018.

ALMEIDA, Ana Laura; SOARES, Rosângela Rodrigues. Narrativas de mulheres lésbicas sobre as vivências no cotidiano e no período escolar. *Revista Estudos Feministas*, v. 29, p. e67625, 2021.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo subversão da identidade. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

CAMARGO, Wagner Xavier de. Futebóis em movimento: sexualidades, subjetividades e tensionamentos no circuito esportivo da Champions Ligay. 2024. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/20.500.14289/20695>

FOUCAULT, Michel. A história da sexualidade, v. 1: A vontade de saber. 11ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista brasileira de educação física e esporte*, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre. et al.. Gênero e Raça: inclusão no esporte e lazer. Porto Alegre: Ministério do Esporte/Gráfica da UFRGS, 2009.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos pagu*, n. 5, p. 7-41, 1995.

LATOUR, Bruno. (2012). Reagregando o social: Uma introdução à teoria do ator-rede. Edusc.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Proposições*, v. 19, p. 17-23, 2008

LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Autêntica, 2018.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. Revista brasileira de ciências sociais, v. 17, p. 11-29, 2002.

MARTIN, Denise; SPINK, Mary Jane; PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Corpos múltiplos, ontologias políticas e a lógica do cuidado: uma entrevista com Annemarie Mol. Interface-Comunicação, Saúde, Educação, v. 22, p. 295-305, 2018.

MOL, Annemarie et al. Política ontológica: algumas ideias e várias perguntas. In J. Nunes; R. Roque, [Orgs.] Objectos impuros: experiências em estudos sobre a ciência. Porto: Afrontamento, p. 63-75, 2008.

NASCIMENTO, Aline Amorim do; MANESCHY MONTENEGRO, Gustavo; COSTA, Márcia Kelly Fonseca da. LAZER E AS POPULAÇÕES LGBTQIA+: um estudo sobre a produção de conhecimentos. Communitas, Rio Branco, v. 9, n. 21, p. e8140, 2025. DOI: 10.29327/268346.9.21-25.

NAVARRO-SWAIN, Tânia. O que é lesbianismo? São Paulo: Brasiliense, 2000.

NICHOLSON, Linda. Interpretando Gênero. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v.8, n.2, p.09-41, 2000.

PISANI, Mariane da Silva. “Sou feita de chuva, sol e barro”: o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo. 2018. 245 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2018.

POLO, Maria Clara Elias; DE CARVALHO, Yara Maria; OLIVAR, José Miguel Nieto. “Pode até ser lésbica, mas precisa escrever essa palavra?”: uma revisão sobre produções acadêmico-científicas sobre lesbianidades e Educação Física. Pensar a Prática, v. 27, 2024.

POLO, Maria Clara Elias; OLIVAR, Jose Miguel Nieto; TAVARES, Giselle Helena. Práticas corporais e população LGBTI+ na Educação Física: uma revisão de escopo. Conexões, v. 20, p. e022007-e022007, 2022.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. Bagoas – Estudos gays: gêneros e sexualidades, [s. l.], v. 4, n. 5, p. 17-44, 2012

SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99. Revisão de Tomaz Tadeu da Silva a partir do original inglês (SCOTT, J. W.. Gender and the Politics of History. New York: Columbia University Press, 1988. PP. 28-50.), de artigo originalmente publicado

em: Educação & Realidade, vol. 15, nº 2, jul./dez. 1990. Tradução da versão francesa (Les Cahiers du Grif, nº 37/38. Paris: Editions Tierce, 1988.) por Guacira Lopes Louro. Primeira versão americana: SCOTT, J. W.. "Gender: A Useful Category of Historical Analysis". The American Historical Review, vol. 91, nº 5. (Dec., 1986), pp. 1053-1075.

SILVEIRA, Raquel da; STIGGER, Marco Paulo. Jogando com as feminilidades: um estudo etnográfico em um time de futsal feminino de Porto Alegre. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 35, p. 179-194, 2013.

SMITH, Linda Tuhiwai. Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas. Trad. Barbosa, Roberto G.. Curitiba: Editora UFPR, 2018.

SOUZA, Tânia Lara Marcelino; DA SILVA GONÇALVES, Aline Najara. "LÉSBICA FUTURISTA, SAPATONA CONVICTA": DA ABJEÇÃO AO SER POLÍTICO. Discentis: Revista Científica da Universidade do Estado da Bahia-Campus XVI-Irecê, v. 8, n. 1, p. 27-36, 2020.

VERGUEIRO, Viviane. Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 2015. 244 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015

WITTIG, Monique. O pensamento hétero e outros ensaios. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

Recebido em 18/08/2025.

Aceito em 22/10/2025.